

Ponto: "Arte e identidade: Colonização cultural e invenção em si"

① Para falermos sobre arte e identidade, a primeira questão que se apresenta se refere à natureza do tema. Arte e identidade são assuntos cuja natureza se refere ao homem. É o homem, o ser capaz de fazer arte e pensar-se no mundo como diferença e potência. É em sua potência que o homem resguarda a sua identidade e é na diferença também que se aferem os limites de alteridade.

"Antes de pensar mundo, estamos no mundo, e nesse sentido precisamos reconhecer o indeterminado como fenômeno positivo", a fala de Merleau-Ponty (1954) prossegue relacionando, de forma do meu modo de presença: o corpo como aquilo que nos cita, nos põe no mundo. Corpo é concreto, é presença. É assim que ele é, no espaço. E Ponty insiste: "o corpo é um nó de significações vivas e não a lei de um certo número de temas co-existentes (M. Ponty, 1974, pág. 216)".

Para Heidegger, o fenômeno positivo se opera no real. No livro "Do um como princípio aos dois como unidade", o autor fala do ser - o um como princípio - e seu ponto de chegada - o dois, o ente, como unidade. Nesse pensamento, Heidegger está nos dizendo que a relação objeto/objeto é fundente, originária, inter-intra unitária. É o ser que identifica o ente (o outro, a coisa) e o nomeia. Um não existe sem o outro, sobretudo o ente não existiria sem o ser. É ele que cria, é ele que nomeia, é ele que funda. Toda poética de língua sem heideggeriana faz a reconstrução ontológica dessa relação remontando a unidade originária (entre ser e ente) criada pelo dualismo metafísico. Nessa sutura resgatando a unidade perdida seu discurso se desenvolve por meio de palavras essenciais (etimologias). Para Heidegger, a origem é aquilo no qual a coisa é, quando é, fundendo a si mesma. A origem do artista é a obra e a origem de

Obras é a arte. Logo, para descobrir a origem tem que se estar na arte.

"A história de arte com muito mais potência que a história da filosofia, marca a distinção de uma arte clássica que ela chama de arte orgânica e de uma arte gótica que ela chama de potência histórica. Se nós começamos a entender os procedimentos de conflito entre as novas forças instintivas e as novas forças intelectuais verificaremos que a arte real é apenas um procedimento de entretenimento. A arte é uma luta, um confronto interior em busca de liberdade".

Claudio Vignato também elogia a arte como fundamento do homem. A liberdade de pensamento é condição inerente à arte dos novos tempos. Por muito secular a arte se sujeita "à representação", a retratar a realidade como imutável, como obra de um criador e despoja dos campos sensoriais que o artista dispõe. Somente a partir de meados do séc. XVIII em forma de reação do artista em relação à obra de arte e à técnica, o Simbolismo, o expressionismo e as formas artísticas do séc. XX inferem o homem como receptor e desorientam a natureza, a substância como algo rígido que se opõe à revelia dos olhos de quem vê e como centro das atenções nas "narrativas" expostas nas obras de arte. É a desumanização da arte inaugurando uma nova mentalidade, bem percebida por Ortega y Gasset. A tarefa do artista é aumentar o mundo, des-realizá-lo, agregando ao real contingências do irreal. O poeta começa onde o homem acaba. Cria sua identidade na obra, ao mesmo tempo em que a obra o identifica.

A arte é transformador tanto para o artista quanto para o percebido. A experiência estética abarca os dois lados, está voltada para o exterior, mas também para o interior. É assim que Heidegger percebe a arte, a partir da proposição. Por toda a história da humanidade não há como negar o papel de arte e falar do homem e do mundo em que vive e constrói. Os Bolides, a Parangolé's ressignificam o papel

da arte, e Também o papel do homem no mundo. Assim
Como a História Mundial nos mostra Também o quanto
háve de sofrimento nos processos de colonização e submissões
de um povo sobre o outro. As narrativas, as construções
históricas remontadas pela literatura e pelas pinturas
representativas da Idade Média até o século XVIII são provas
do humano distorcendo a realidade histórica dos povos em
favor de uma ideologia ~~pacifista~~ e a submissão dos
valores culturais de um povo sobre outro. A escravidão dos
povos afro-americanos, a dizimação do povo judeu,
das populações indígenas na América do Sul. E ainda, hoje
no Brasil, a diferença de tratamento dado às questões rela-
cionadas às comunidades do banco verde (nas favelas), En-
da em vista a situação atual de intervenção militar no Rio de
Janeiro, como o exemplo mais recente dessas atrocidades pra-
ticadas pela humanidade nos mostram o quanto o homem
tem a aprender.

É papel da arte ensinar a perceber o mundo, o outro.
É pela diferença, perceber-se. A arte é contemplativa, é
a experiência de olhar, do olhar, o exercício do sentir. A
arte deve abraçar as manifestações de cada povo, reconhecendo
a diversidade das culturas, das realizações internas que são
permeadas pelas modos de organização social dos povos, abran-
cando interregião e dando espaço à maior variedade possí-
vel nos campos em que se desdobram seja a partir dos
aspectos étnicos, seja pelas questões de gênero (nas comuni-
dades LGBTQIA+). Esses aspectos não são mais só do
que a concretização de um imaginário coletivo que se
expande na semântica do corpo.

A maior obra do homem é o mundo. Todo homem,
assim, se torne se torne criador. Que o nosso olhar pos-
sa refletir o claro, o escuro, o belo, o feio, todas as pos-
sibilidades de pigmentações, de estruturas numa ordem onde

Se possa ser e que se é e nada mais!

2 Quando abordamos ou tratamos de história da Humanidade pouco ouvimos falar - de forma relativa - ~~de~~ das questões de raça e etnia nos Tratados e Correlários do Saber nos séculos que nos precedem. Somente no final do século XX, essas questões saíram do limbo e que foram conspícuas. A própria pesquisa de História de Arte nos mostra o quanto é preciso reconsiderar e reescrever das bases que o tempo deixou para trás.

Para falar de história das raças ~~de~~ ^{tema que diz} que quando estamos fazendo referência ao termo etnia estamos falando de uma contingente de negros, índios, judeus, ~~de~~ asiáticos. Sabemos, que nos dois primeiros casos, índios e negros representaram quantitativamente uma maioria populacional sobretudo quando remontamos a ~~extensão~~ ^{extensão} das povos africanos ^{e indígenas} que foi extensiva e estuante em vários continentes. No caso dos povos judeus e asiáticos não se trata de um processo histórico que se relaciona à apropriação da mal-obra ^(pelo menos, em princípio, inicialmente), sobretudo no caso dos judeus o que está em questão é o paralelismo de forças de poder que assumem um caráter quase subversivo por não se alinharem às forças imperialistas de "ditadura" capitalista.

Essa perspectiva ^{bre} de retomando o passado não como uma linha sucessória mas como ponto para a prática de uma reconstrução de História, ~~reconsiderando~~ e reverendo a perspectiva que até então foram extirpadas dos discursos oficiais dos séculos primeiros.

Nesse sentido o que se propõem na prática - muito além de rever essas discussões - é revelar questões que se fazem ainda muito presentes. Há uma memória a ser

resgatada. É as ocorrências relacionadas a História dos povos oprimidos infelizmente está longe de ser um "tributo" do passado. São questões vivas, muito presentes e que se acentuam toda vez que o mundo entra em crise.

É preciso reaver práticas que resultem no emburrecimento de entrada nos campos de atividades social e finanças. Muito se tem feito no Brasil a partir de políticas sociais que facilitam o acesso às comendas populacionais mais pobres e de descendentes afro-^{nas universidades e através} ~~infortunadamente~~ ^{do} e ^{em} ^{conursos} ^{publicos} ^{de} ^{formação} ^{geral} e o legado de poder econômico no Brasil se estende a uma condição de raça, de etnia. Foi assim que durante o governo do PT, foram implementados sistemas de cotização do acesso às educacões e aos empregos públicos.

De mesma forma, tenta-se incentivar e implementar o diálogo e o debate a cerca das discrepâncias e da proporcionalidade que representa a discriminação inter-racial no Brasil, estimulando a produção artística e cultural das populações afro-descendentes, bem como de indígenas e das ^{diferentes} ^{etnias}. Muito ainda se tem pelo fazer. O momento é de construção e se é mesmo intrinsecamente; os eixos se afloram, mas ao que parece não é apenas um fenômeno local.

③ Falar dos povos originários no Brasil é buscar as formas sob as quais ^{acontecem} ~~se desenvolvem~~ as principais marcas históricas relacionadas à descoberta do país e os processos de independência, colonização, industrialização e globalização.

Uma ampla perspectiva desse caminho nos sugere uma destituição, uma despropriedade do caráter étnico desde o início onde remontamos à chegada dos portugueses nas terras tupiniquins.

Aqui está o primeiro ponto onde é necessário

levantar a questão sobre o que somos, sobre a realidade fundente na qual fomos constituídos, ou de ^{resulta que} causalidade assumimos que nos tornamos portugueses. Parece mais provável que a segunda opção tenha sido aceita sem controvérsia. Têmha a violência com que chegaram os portugueses ao Brasil. O pouco que restou da população indígena que aqui habitava, foi submetido a um rigoroso processo de extirpação cultural.

Num processo onde há um suposto detentor do poder (seja ele econômico ou social), esse caso o chamaremos de Colonizador, a manutenção de certos interesses recende no detentor um receio profundo e um anseio de organizar-se radicalmente para a manutenção do establmto que lhe confere supremacia. Adto isso como vis do negro, pois em geral populações menos ambiciosas na costumem metodologizar ações de ataque, quiza tão extremistas.

Surgem discursos falaciosos, em geral, que resignificam a visão do colonizado, de forma indireta, subconsciente criando folclones, pensamentos que se desdobram em ações cujo negatividade sobre essas culturas que momentaneamente posicionaram-se de forma passiva, são desvirtuadas.

A História de Arte nos não deixa mentir, desde o descobrimento do Brasil, o que tivemos por aqui foi uma enorme sombra do que chamamos arte; O academicismo - no campo de literatura; nas Artes Plásticas em autores paludos de ^{fronte} que reproduziam os rigores do classicismo europeu em debate; na música que até o séc ~~XX~~ XIX (final) recusava suas manifestações mais autênticas nas polcas, noslundus de Colômbia - se impunha como premissas e próprias condições de existência de arte como se ignorados os padrões definidos pela cultura europeia, qualquer outra coisa não seria arte.

Foi preciso que um pintor inglês chamasse a atenção para o colorido de nossa realidade para que ela pudesse ser considerada na paisagem, em pleno séc. XIX. Sarente no Modernismo, com o Salão de Arte Moderna organizado em 1922, pelo exutor e ensaísta Grace Aranha podemos ver concretizadas as intenções do Orneass de um acervo brasileiro nas produções artísticas de Mário de Andrade, Anita Refetti, Mendel de Pichie, Ville-Lobos, dentre outros.

Acontece que a passagem do tempo nos prova que todo processo histórico não resiste o diálogo das forças internas, ^{onde que} estas forças entram em confronto a despertar do diálogo e das condições gerais que provocam tal mudança; se nesse processo o estabelecimento ~~do~~ ocasionado pelo supremacia de valores de correntes diferentes for imperativo, esse processo histórico tende a endossar o aniquilamento de uma das partes.

Facemos como Gaudi que se opunha à ideologia reinante do contexto de industrialização e buscou impregnar a sua arte com a singularidade percebida no outro. Para ele, sociedade era um conjunto abstrato, ele construiu para a concretude do povo, para aquela cidade, aquela mulher, ~~aquele~~ Era, sobretudo, a sua arte o olhar para o outro para fazer-se na obra com a particularidade de sua percepção.

ou fazemos como Oiticica que inquire a participação do público e das forças do espaço-tempo ao ^{permutar} ~~constituir~~ a interação-criativa do público com a obra. A obra não está somente no material, mas também no imaterial, e na dinâmica das realidades onde espaço e tempo se articulam fora dos noções de passado, presente e futuro por dar lugar ao acontecer, ao devir, ao agora.